

O *BULLY* E EU

Warley Matias de Souza

O *BULLY* E EU

2ª edição

revista pelo autor



Souza, Warley Matias de, 1974-
O *bully* e eu / Warley Matias de Souza. –
2ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2020.
150 p. ; 15 cm.

ISBN 978-65-00-02098-4

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDD-028.5

O BULLY E EU
Copyright © 2020 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Capa: *Gabriel Lavarini*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer
processo, sem autorização por escrito do autor.

Àqueles que, como eu, sobreviveram ao *bullying*.
Mas também àqueles que não tiveram a mesma
sorte.

E à D. Maria José, onde quer que esteja. Obrigado
por desencadear meu delírio.

JOSÉ DOS INFERNOS

Depois de jantar, eu voltava para a rua para brincar até nove ou dez horas da noite. Eram outros tempos. Minha rua não conhecia asfalto, era coberta de cascalho. Durante a noite, sob a luz dos postes, viam-se pedrinhas de cascalho a brilhar. Nós preferíamos acreditar que aquilo eram valiosas pedras preciosas. Não passavam de cascalhos, mas atribuíamos a elas algum valor, um valor que só a imaginação pode compreender.

— Com esta vou comprar uma bicicleta. Quero uma vermelha, com buzina azul — disse eu para a Carol.

— Quero uma azul com buzina vermelha — disse Carol, sorrindo com aqueles seus dentes tortos, que adoravam se mostrar em um sorriso.

E cada sorriso da Carol despertava o meu sorriso. Era um daqueles sorrisos

que contagiam, que fazem rir também. O sorriso da Carol era assim, uma lua cheia, um sol de verão. Seus olhos eram muito pretos. Tinha uns cabelos lisos, à altura dos ombros, e a pele morena. Tinha a mesma idade que eu. E era muito, muito magra.

— Vou te dar um presente, Carol.

E ela sorria mais e mais.

— Toma.

Eu dava-lhe uma de minhas pedrinhas brutas e preciosas.

— Osvaldo! Que pedrinha linda. Obrigada, viu?

Em frente à nossa casa, havia um campo de futebol, sem grama. Quando ventava, uma poeira vermelha invadia as casas. Minha mãe xingava o tempo todo.

— Acabei de limpar a mesa! E olha só, tá toda cheia de poeira por causa desse campo dos infernos.

Minha mãe era alta, gorda, a pele

negra, tinha pouco mais de trinta anos. Não era do tipo vaidosa ao extremo; mas trazia os cabelos sempre alisados (não tinha muita consciência étnica) e usava sempre um batom cor de terra.

— Calma, mãe — eu dizia, rindo-me todo, pois eu achava muito engraçado quando ela gritava aquele “dos infernos”.

Meu pai, ironicamente, afirmava que nenhuma senhora “recatada” dizia “dos infernos”. Pois minha mãe não tinha nada de recatada. Aliás, ela só estava reclamando da poeira na mesa porque ia jogar truco com meu pai e seus amigos. Ela adorava esse jogo, gritava alucinada aquele “Seis!”, que eu até hoje não sei o significado. E como os olhos dela brilhavam quando ela gritava: “Truco!”. E os amigos do meu pai deliravam porque “essa mulher do Alipão é bacana demais”.

Minha mãe tinha uma moto muito

velha, ela empurrava mais a moto do que a moto empurrava ela, se é que me entendem.

— Que joça! Sucata! Moto dos infernos! — gritava minha mãe, no meio da rua, todo mundo olhando, e eu dando gargalhadas, porque aquilo tudo era muito engraçado.

Eu tinha o riso solto naquela época. Ria de tudo, chorava de tanto rir. E quando estava com a Carol então, nossa, a gente ria o tempo todo, de tudo e de todos. Era um riso que era fácil de começar mas muito difícil de terminar, aquele riso que contagia. Se começava por mim, a Carol logo disparava também. Se começava pela Carol, eu não podia evitar. Eu ficava sem fôlego, minha barriga doendo, de tanto que eu ria. Na escola, os professores não deixavam a gente se sentar perto um do outro, porque senão a gente acabava com a aula, a gente começava a

rir, e toda a sala disparava também.

Todo final de semestre, D. Zezé, a professora de Português, organizava apresentações teatrais na escola.

— Fessora, eles vão rir na hora, fessora — diziam os outros alunos.

Mas D. Zezé era assim fabulosa, ela entendia tudo o que acontecia com a gente.

— Não, na hora eles não vão rir.

Era rechonchuda. Os seus cabelos, sempre muito curtos, eram lisos. Tinha a pele morena e uns olhos escuros, inquietos. E uma boca que mais parecia uma flor. Tinha um sotaque nordestino e um pensamento veloz.

— Isso é a alegria da juventude — ela dizia. — Mas um dia vai passar.

E quando chegou a apresentação, ficamos muito sérios e compenetrados, queríamos fazer direito. A Carol recitou o poema do Drummond. Ela olhava para

mim e dizia: “E agora, José?”. E eu, que vergonha!, fingia ser o tal do José. Mudo, fazia uma cara tipo “E eu sei lá!”, enquanto andava a passos lentos de um lado para o outro. Nossa, que vergonha. Eu era tímido demais e só aceitara fazer aquele papel porque eu gostava muito da D. Zezé, ela havia me apresentado os livros, a literatura, ela havia aberto para mim as portas para o mundo. E, por causa dela, eu estava ali, pagando aquele mico, que, na época, nem mico era, havia outras gírias de que nem me lembro mais.

Minha mãe estava lá. Chegara atrasada, pois tivera de empurrar a moto. Mas chegara a tempo de me ver atuando. E enquanto todos aplaudiam sem muito entusiasmo, ela gritou, no meio daqueles pais com as cabeças em outro mundo, um mundo de problemas, ela gritou:

— Puxa vida! Que José dos infernos!

Todo mundo olhou para ela assim meio de lado, recriminando. Mas vi seu rosto de olhos brilhantes e sorri, porque, naquele caso, “dos infernos” era algo muito bom. Eu era um José dos infernos, um José dos infernos! Olhei para a Carol, e ela me sorriu com aqueles dentes todos, enquanto levantava os ombros. Começou o descontrole de nossas risadas sem freio. Rolando de rir, saímos do palco, “dois bobos alegres”, como dizia o meu pai.

Meu pai, sempre com uma ruga na testa, os óculos na ponta do nariz, as contas na ponta do lápis. Controlando todos os gastos. Era branquinho, baixinho e magrinho o meu pai. Mas de uma força de caráter que o transformava em um gigante. Tinha quarenta anos. Meio calvo, os poucos cabelos finos e lisos, uns olhos verdes e um semblante muito sério. Mas, às vezes, para descontrair, ele brincava: “Que dívida dos infernos!”. E sorria gran-

de, os cantos da boca iam até as orelhas. E olhava para mim, aquele sorriso grande, eu sorrindo grande para ele também. Ele gostava de me ver sorrindo, gostava da minha alegria.

Quando saíamos juntos aos domingos, ninguém acreditava que ele era meu pai; pois eu sou negro e tenho cabelos crespos. Mas aí ele mostrava os meus olhos verdes como os dele, dizia que eu era tão magricela quanto ele e que, talvez, não crescesse tanto. Mas, alguns anos depois, eu estaria jogando basquete, todo alto e desengonçado, enquanto meu pai, orgulhoso, gritaria que eu era filho dele, que eu tinha olhos verdes como os dele; pois ele se acostumara a ter de convencer os outros de sua paternidade, a combater a ignorância das pessoas para ser admirado pelo filho que tinha e do qual se orgulhava.

O BULLY

Não me esquecerei daquele ano. Pois foi quando descobri que podia sobreviver ao mundo. Quando lia as revistinhas em quadrinhos americanas, os super-heróis sempre às voltas com seus arqui-inimigos, eu queria ser um super-herói. Mas, quando encontrei meu arqui-inimigo, descobri que não era tão fácil quanto eu pensava, eu não tinha super-poderes, eu era só um menino com medo de ser espancado por outro menino mais forte do que eu, de ser humilhado diante de todos. Eu era apenas um menino de doze anos, que, no final do ano anterior, estava alegre e sorridente, ensaiando para fazer uma cara de “Sei lá!” enquanto a Carol perguntava “E agora, José?”. E agora? Agora eu estava angustiado, sem saber como sair daquela situação.

Era um tempo em que os meninos

resolviam seus próprios problemas, um tempo em que os adultos achavam normais essas “rivalidades” entre meninos, que achavam que assim a gente “aprendia a ser homem”. Então, como recorrer a eles? Eu não tinha ninguém para me proteger, para evitar que eu sofresse *bullying*. É verdade que, naquele tempo, essa palavra não tinha a importância que tem hoje, tudo não passava de um menino mau perseguindo um menino fraco, nada mais do que isso. Não parecia haver ninguém preocupado em estudar tal fenômeno, era como se aquilo tudo fosse um acontecimento normal na vida de um menino.

No primeiro dia de aula, ele me escolheu para ser a sua vítima favorita. Simplesmente me olhou, no intervalo, e eu soube que ali começava o meu sofrimento. Seus olhos pareciam sorrir diante de sua presa, ou seja, eu. Na fila da merenda, deu um jeito de ficar logo atrás de mim.

Primeiro, pisou no meu calcanhar, tirando o meu sapato. Não reagi, fiz de conta que nada acontecera, enquanto ele ria, vendo-me andar estranho com o sapato meio fora do pé. Meus pais haviam me criado para ser o tipo de menino certinho, abominavam a violência, só que não me ensinaram como eu devia reagir diante dela, acho que eles também não sabiam. Como não reagi, ele decidiu ser mais radical e, no dia seguinte, na fila da merenda, abraçou-me por trás, num movimento obsceno, chamando-me de “amorzinho”. Desvencilhei-me, envergonhado. Os outros meninos riram. Samuel, o *bully*, adorava uma plateia. Tive vontade de chorar de vergonha, mas engoli as lágrimas e saí da fila.

Dois anos mais velho do que eu, repetente duas vezes na mesma série, preguiçoso e cruel, Samuel era mais alto do que eu e mais forte também. Tinha cabe-

los castanhos, cortados à moda militar, e um sorriso assustador. Uma pele leitosa e uns olhos claros, cinzentos. Não era gordo nem magro. Falava palavrão o tempo inteiro e só contava histórias obscenas.

Infelizmente, estava na minha sala. Eu já conhecia sua fama. No ano anterior, ele havia batido num menino na porta da escola. Não havia sido expulso, e o menino humilhado mudara de escola, não suportara a vergonha e o medo. E quando, no primeiro dia de aula, vi que Samuel estava na mesma sala em que eu, senti muito medo. Acho que ele farejou o medo que eu sentia, por isso fui o seu escolhido.

— Por que você não bateu nele, Osvaldo? — perguntou Carol, indignada.

— Entre os meninos não é assim não, Carol. Vocês meninas é que adoram bater na gente; mas fazem isso porque sabem que os meninos não vão bater em vocês.

— Nós somos corajosas.

— Ah, corajosa. Vai contando que todos os meninos não batem em meninas pra ver. Um dia você encontra um que vai revidar.

— Que nada.

— Vocês meninas me tiram do sério. Fazem o que querem, e os culpados são sempre a gente.

— Olha, Osvaldo, eu nem sei por que sou sua amiga. Os meninos não são bons amigos.

— Acho que é porque a gente se conhece desde que nasceu.

Ela me deu um tapa no braço e riu.

— É mesmo, a gente é quase irmãos gêmeos.

Júlio César aproximou-se. Falávamos com ele por meio da língua de sinais. Perguntou por que eu estava daquele jeito. Contei-lhe que Samuel estava me perseguindo.

Júlio César, doze anos de idade, era baixo e gordo. Quando sorria, o sorriso dançava em seus lábios, a mesma flor que desabrochava nos lábios da mãe. A pele morena, os olhos escuros, os cabelos pretos e cacheados. E uma agilidade nas pernas que faria inveja ao Papa-Léguas. Aliás, havíamos tentado colocar esse apelido nele, mas não pegara. Apelido é assim, pega ou não pega, sem explicação.

Ainda bem que eu era amigo do Júlio César. Quando eu estava com ele, ninguém mexia comigo, pois todos gostavam dele. O Júlio César era o meu melhor amigo, junto com minha melhor amiga Carol. Eu conhecia aqueles dois desde que éramos bebês, havíamos crescido juntos. Com o Júlio César, Carol e eu havíamos aprendido a língua de sinais, pois ele era surdo. O Júlio César aprendia e ensinava para a gente. Ele não estudava na mesma escola em que nós; mas sua mãe, a

professora D. Zezé, levava-o sempre para assistir às suas aulas, era como se ele estudasse lá. Nós éramos os três mosqueteiros, amigos inseparáveis.

As meninas adoravam o Júlio César. Ele fazia sucesso com as garotas. Elas diziam que ele era lindo e sensível. Ele fazia aquela cara de coitado, tipo “Preciso de muito amor porque sou surdo”; um falso o Júlio César. Elas caíam, sempre carinhosas e apaixonadas.

— Você é muito espertinho, Júlio César — eu dizia para ele.

Ele ria e, com as mãos, dizia para eu aproveitar. Afinal, quem traduzia o Júlio César para as garotas era eu.

— Ele disse que gosta muito de você.

— Ah, é? Então diz pra ele, Osvaldo, que eu também gosto dele.

— Ele disse que a gente pode ir ao circo juntos no sábado e que você pode

levar a Ana Paula.

Eu era apaixonado pela Ana Paula.

— Diz pra ele que eu vou sim. Só não sei se a Ana vai querer.

Júlio César, que conseguia ler os lábios, começou a rir de mim, pois eu estava levando um fora da Ana Paula sem mesmo falar com ela.

Todo mundo gostava do Júlio César; quer dizer, menos o Samuel, que não gostava de ninguém. Mas como todo mundo protegia o Júlio César, ele não mexia com ele.

A minha sorte era que Samuel morava longe da minha casa, a gente só se via na escola, que ficava num bairro vizinho ao meu. Eu gastava meia hora a pé até lá, enquanto Samuel, já que morava mais perto, devia gastar uns cinco minutos.

A escola passou a ser, para mim, o lugar do medo. Eu não gostava mais de ir

para lá. Algumas vezes, fingi estar doente, só para faltar. Eu tinha muito medo. Mas não contava para ninguém o que estava acontecendo. Quer dizer, a Carol e o Júlio César sabiam. Mas era como se aquele fosse um mundo só nosso, em que os adultos não podiam entrar. Eles não podiam entender o que acontecia, não podiam me ajudar. E se algum adulto interferisse, o Samuel ficaria bem irritado. E quem me protegeria? Não, era um assunto de meninos. Eu estava num beco sem saída.

— Vou pedir pra minha mãe reclamar — disse Carol.

Júlio César sacudiu levemente o braço dela, pois ela havia falado sem olhar para ele, não conseguira ler seus lábios.

— Vou pedir pra minha mãe reclamar — ela repetiu.

Júlio César, com as mãos, disse que

também ia pedir para a mãe dele. Mas eu disse que não, por favor, não contassem nada a ninguém, o Samuel podia não gostar.

— Acho que vou inventar uma dor de garganta amanhã — falei.

Júlio César olhou-me de um jeito carinhoso e, com as mãos, disse que eu podia contar com ele para qualquer coisa; como, por exemplo, dar uns sopapos no Samuel.

— Não sei o que fazer — lamentei.

— Ah, logo o Samuel se esquece de você.

Eu queria que a Carol estivesse certa. Mas não estava.